

FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PIAUIENSE

Teresinha Queiroz

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária: 1900-1930*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

O livro *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*, de Maria do Socorro Rios Magalhães¹, caracteriza-se por abordar o campo temático da Literatura Piauiense no recorte cronológico de 1900 a 1930, com especial atenção à recepção das obras pela crítica literária, momento em que a autora identifica como o início da formação do sistema literário piauiense. Ao recortar o objeto também tendo em vista os horizontes de leitura, recurso que possibilita enraizar social e historicamente os processos literários, o trabalho transborda para fora dos limites do Piauí, incorporando autores e obras, processos e formas literárias que, através de diferentes modalidades de leitura, permitem o diálogo da Literatura Piauiense com as literaturas brasileiras e ocidental e suas modalidades mais em voga.

Utilizando preferencialmente o recurso da interpretação sincrônica, ou seja, atento à simultaneidade dos acontecimentos na esfera literária, o livro tem como objetivos principais: analisar a recepção da Literatura Piauiense, trazer à luz o discurso da crítica e seus parâmetros, apresentar parcela do *corpus* da crítica e, tomando como referência os fundamentos teóricos da Estética da Recepção, mostrar a formação do sistema literário piauiense. Para alcançar esses objetivos a autora traçou amplo panorama da literatura piauiense nas primeiras décadas do século XX, com rigor científico e uso bastante intensivo de fontes empíricas da época, que recebem tratamento sistemático.

Essa ampla e importante pesquisa se justifica, sobretudo no momento de sua realização, meados dos 1990, quando o esquecimento dessas gerações do passado marcava fortemente a

1 MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária: 1900-1930*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária: 1900-1930*. 2.ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

cultura local, esquecimento atrelado a fatores os mais variados, como a forma esporádica e lacunar dos estudos literários, a sistemática destruição das fontes de pesquisa e mesmo a negação dessa literatura, no passado (a partir de seus próprios fundadores ao construírem suas auto-imagens negativas) e no presente (quando a valorização colonizada do “de fora” se exponencia) colocando sob suspeição até mesmo a existência de uma Literatura Piauiense, questão que foi recorrente sobretudo nos anos 1980 e 1990.

Por essas razões e por outras, a contribuição desse livro é vital para o conhecimento da Literatura Piauiense e para a preservação dessa história submersa, ao trazer à publicidade todo um conjunto de fontes pouco conhecidas, por terem sido objeto de leitura, ao longo do tempo, de pouquíssimos leitores interessados pelas produções dos literatos piauienses. O livro inaugura, de certa maneira, uma nova fase dos estudos sobre a Literatura Piauiense, por ser o primeiro trabalho acadêmico a abordar a literatura e a crítica com essa abrangência – inserindo a literatura piauiense em um lugar social com seus processos educativos, a imprensa e sua funcionalidade como veículo primordial onde a literatura se faz acontecer, difundir e perenizar (embora se trate de uma perenização precária e arriscada), suas formas e modalidades variadas de leituras, os leitores especiais (ou não) desses escritos, os literatos-críticos (quase sempre os mesmos sujeitos em distintos papéis ou performances escritas), os autores, os gêneros, os livros que mais agradavam e formaram o gosto da época.

O recorte escolhido mostrou-se muito apropriado, na medida em que as três primeiras décadas do século XX foram realmente cruciais para o movimento literário e cultural do Piauí. Esse relativo vigor literário guarda correspondência com outras dimensões culturais, como está fortemente mostrado no trabalho, tendo em vista a abordagem da imprensa, da educação acontecida nas escolas públicas e privadas, na formação de grêmios escolares e de associações diversas, das práticas ao redor do teatro, da música, com os sentidos atribuídos a essas práticas e sociabilidades culturais. Seguramente esse é um momento singular da história cultural do Piauí, reduzindo-se o vigor e a visibilidade desses processos nos sisudos anos 30.

Do ponto de vista da construção do objeto há uma perfeita relação teórico-empírica e a escolha dos conceitos que viabilizaram e mediaram sua construção, visto que uma das maiores contribuições da pesquisa seja evidenciar a formação do sistema literário piauiense. E, nesse aspecto, a autora conseguiu passar ao largo das inquietações atuais quase paralisadoras dos anos 1990, decorrentes da chamada “crise dos paradigmas”².

A maneira como constrói seu objeto é exemplar, posto que, apesar de se tratar da Literatura Piauiense, esses sistemas literários em formação são apanágios de outros estados e regiões do país, que vivenciavam a mesma situação de dependência cultural em relação aos centros de legitimação, caso do Rio de Janeiro no período. Em estados como o Pará, o Maranhão, o Ceará e Pernambuco, para ficar no âmbito regional, talvez esse processo fosse mais autônomo, mas se trata aqui de uma hipótese de trabalho.

2 SALIBA, Elias Thomé. Mentalidades ou história sociocultural: a busca de um eixo teórico para o conhecimento histórico. *Margem*, São Paulo, n. 1, p. 29-36, mar. 1992.

Do ponto de vista da crítica e dos críticos, foco principal da pesquisa que deu origem ao livro, a autora conseguiu apresentar e fazer falar a quase totalidade dos críticos piauienses que atuaram nas três primeiras décadas do século XX, bem como estabelecer diálogo com esse material a partir de vários ângulos simultâneos: o crítico e a obra criticada; o crítico e seus êmulos locais e nacionais; o crítico e os parâmetros da crítica (ou as “escolas”); o referencial teórico; os analistas contemporâneos.

Uma redação aparentemente simples e o grande domínio da narração nem sempre deixam entrever o procedimento complexo que baseia essa análise convergente que enreda os diferentes focos de observação.

Considerando a formação acadêmica da autora, o seu trabalho com as fontes foi notável, tanto do ponto de vista da localização, transcrição, organização e interpretação, quanto do emprego dos aportes metodológicos. É preciso realçar, quanto a esse universo de fontes documentais, e em especial quanto ao Piauí desse período, os vigorosos processos de dispersão, destruição e fragmentação decorrentes da ação do tempo, da ausência de políticas públicas de preservação do patrimônio cultural e da pequena consciência de cidadania no Brasil.

Com respeito à dispersão das fontes, isso demanda um processo de garimpagem dos arquivos em diferentes estados e regiões, a localização e o acesso a bibliotecas públicas e privadas, com a prevalência das últimas e a consulta a uma grande variedade de suportes como livros, jornais, revistas, manuscritos, documentos oficiais, a maior parte ainda não disponível em microfimes. Deve ser lembrado que, no início e nos meados dos anos 1990, quando essa pesquisa foi realizada, ainda não se dispunha dos recursos tecnológicos e das formas de acesso individual às fontes digitalizadas e publicizadas por instituições de pesquisa e arquivos de grande parte do mundo. Ainda se vivia/procedia sob as formas medievais de transcrição manual de boa parte das informações disponíveis. O pesquisador comum ainda pouco dispunha de tecnologias de uso pessoal para agilizar seu trabalho.

No que concerne ao processo de destruição sistemática das fontes faz-se necessário esclarecer, tendo em vista as condições da época, e a natureza do tema pesquisado, que as fontes hemerográficas, de fácil destruição, são fontes essenciais, tendo em vista as formas como a literatura ocidental foi produzida, veiculada e consumida especialmente a partir do século XVIII. É necessário também lembrar a precariedade das políticas de arquivamento, as formas de destruição voluntárias (recortes a tesoura, apropriação indireta, manuseio inadequado) e involuntárias (decorrentes de ações convergentes do tempo sobre materiais pouco resistentes e da inadequação da guarda e controle desses materiais). No caso dos acervos de jornais do passado, a consulta pública direta tem se tornado cada vez mais rara, em virtude da destruição quase completa dos acervos do século XIX e de boa parte do século XX. Deve ser registrado que a permanência de parte desses jornais se deve à política de microfilmagem realizada sobretudo nos anos de 1970 e 1980 pela Biblioteca Nacional, sediada no Rio de Janeiro, local para onde os pesquisadores ainda necessitam recorrer, agora para consulta a esses materiais em fontes digitalizadas e disponibilizadas ao público para consulta em rede.

A política de preservação nos estados, em que se inclui o Piauí, tem andando a passos lentos. À época em que a pesquisa para esse livro foi realizada boa parte dos periódicos estava indisponível para consulta – já lacrados por impossibilidade de manuseio ou enviados ao Rio de Janeiro para o processo de microfilmagem/digitalização. Mesmo quando havia disponibilidade de rolos de microfimes, não havia máquinas leitoras compatíveis.

Essas circunstâncias ajudam a entender as fragmentações e recortes involuntários no procedimento de pesquisa e recolha de fontes. Destruição material por vários fatores, dificuldades de acesso ao que resistiu ao tempo, políticas de arquivamento com processos de seleção documental inerentes às formas de conservação e tutela pública, todos esses limites se inscrevem efetivamente na construção do objeto. Assim, toda pesquisa é a pesquisa possível do seu tempo e de seu lugar. O objeto de investigação fala a linguagem desses limites³.

No caso desta pesquisa, boa parte do que se convencionava chamar de bibliografia é na verdade fonte, considerando os usos do material na elaboração do trabalho. No estágio de organização para a consulta pública e de acesso para o pesquisador a pesquisa de fontes se constitui em fase de intenso e quase insano labor. Segundo Robert Darnton, trata-se de desenterrar um mundo submerso⁴, aqui, o da literatura piauiense. Apesar de muitos desses traços se terem extinguido, a pesquisa conseguiu recuperar grande parte desse universo de livros, de poesias, de crônicas e de críticas esquecidas. E, por essa via, autores e textos fazem sua reentrada na história. Esse mérito, aparentemente trivial, não é pequeno, pois tarefas com essa magnitude dificilmente podem ser cumpridas sem o uso de muito tempo e muito esforço sistematizado. A própria bibliografia do trabalho já é, por si própria, grande contribuição para os pesquisadores do tema.

Além disso, dois aspectos devem ser enfatizados: no estágio atual das pesquisas sobre a literatura piauiense do início do século XX, muitos dos interesses aqui tratados são interesses marginais, seus sujeitos ainda são ausentes e mesmo desvalorizados na memória do presente. Trata-se de uma considerada “subliteratura” com suas contribuições estéticas “menores”, fugindo em parte das estéticas consagradas. É quase um mundo de livros, ideias, leitores e autores esquecidos. O segundo aspecto diz respeito às relações entre a literatura e a imprensa. No Piauí, é quase possível admitir que a imprensa enquanto atividade sistemática de uma certa maneira antecede aos demais processos culturais enquanto “sistemas”: a escola (o sistema escolar), a literatura (o sistema literário). Isso talvez em face de a imprensa se constituir e funcionar enquanto parte primordial do sistema político e, só por extensão e por adição, ir se transformando em a grande mediadora dos sistemas literários em formação. A imprensa é, sem dúvida, a partir da segunda metade do século XIX, no Brasil, o suporte maior da Literatura⁵.

No aspecto da metodologia o trabalho se apoia nos conceitos fundamentais da Estética da Recepção, a partir dos quais foi possível apresentar e discutir a formação dos leitores (as mediações entre escola e leitura), as mediações de leitura (basicamente o papel da imprensa na divulgação, legitimação, veiculação e formação de leitores), o processo editorial, suas

3 CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982. p. 65-130.

4 DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

5 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

características e limites, e a produção literária tal qual acontece no Piauí. Esses procedimentos foram realizados para enraizar socialmente a pesquisa, bem como realçar a historicidade dos diferentes processos abordados.

Ao estudar a escola, a imprensa e a produção literária sistematizou, em cada um dos capítulos, um saber que ainda é fragmentário acerca dessas instituições e que demandou esforço de contextualização que deve ser reconhecido pelas qualidades do resultado, visto que a escassez bibliográfica quanto a esses diferentes temas é inquestionável. O período em foco ainda é pouco estudado, as informações dispersas dificultam o esforço de síntese e as histórias convergentes da educação e da imprensa são ainda igualmente precárias. Essas reconstruções e essa compreensão de conjunto conferem a esse trabalho sem dúvida um grande valor.

O trabalho é de extraordinária importância, tanto do ponto de vista dos objetivos propostos e alcançados, do conjunto das informações, quanto do seu percurso metodológico. Sobre esse aspecto, minha hipótese é a de que em grande medida o sucesso da pesquisa se deve à escolha adequada das bases teóricas. A proposta de sincronia inerente ao referencial teórico possibilitou a recusa de um enfoque diacrônico linear, muito presente em estudos historiográficos de não historiadores de profissão e que tendem a ensombrear aspectos importantes de constituição e funcionamento dos processos sociais e literários.

Na versão original de Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS⁶, incluíram-se quase 300 páginas de anexos com Fortuna Crítica dos literatos relacionados, o que favoreceu o leitor, especialmente o pesquisador, com o acesso a grande acervo documental. Esse acervo igualmente permite a leitura da *leitura* da autora, ou seja, a maneira como ela recortou, selecionou, conferiu o estatuto de memória a preservar à atuação de autores, bem como a textos literários e críticos. Essa modalidade de anexos complementa as análises acadêmicas a partir da preservação de corpos documentais que de outra maneira logo estariam sem condições de consulta por outros pesquisadores e interessados, portanto, fora de alcance de novos leitores. Acrescidos de um índice que facilite a consulta e o manuseio, os anexos poderão constituir uma publicação de alcance que muito ajudará na preservação da memória literária do Piauí.

Se a princípio a pesquisa tinha como escopo recuperar a recepção de obras literárias piauienses nas três primeiras décadas do século passado, o decorrer da investigação revelou outros aspectos igualmente relevantes para a construção de uma historiografia da literatura piauiense, como o processo de formação de leitores e a formação do sistema literário no estado do Piauí. Assim, a autora constrói uma sólida base teórica, recorrendo à Estética da Recepção⁷ e à Sociologia da Literatura⁸, o que lhe possibilita surpreender o fenômeno histórico do nascimento de uma literatura no exato momento em que surge o primeiro público de leitores no Piauí.

6 MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Horizontes de leitura e crítica literária: a recepção da literatura piauiense: 1900-1930*. 1997. Tese – Doutorado em Letras. Porto Alegre: PUC-RS, 1997.

7 JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

8 CANDIDO, 1985.

Partindo da concepção de Candido⁹ de que são as instituições basilares para o desenvolvimento sociocultural como escola, imprensa, produção literária e aparelho tipográfico que tornam possível o surgimento de um sistema literário, a pesquisadora aponta a convergência dessas instâncias como responsável pela formação do sistema literário e ao mesmo tempo pela formação do público de leitores. O progresso da escola, da imprensa e da impressão de livros no Piauí permitiu não apenas a habilitação dos indivíduos para o exercício da leitura e da escrita, mas também concedeu viabilidade material à literatura, criou mecanismos de incentivo à prática de leitura e à divulgação de obras literárias, possibilitando a constituição de um público de leitores para a recepção da literatura piauiense, que começava a ser projetada.

O estudo mostra que até os primeiros anos do século XX, o Piauí manteve uma população predominantemente rural, formada, na sua maioria, por vaqueiros e lavradores, dependentes de uma economia baseada na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência. A emergência de uma classe média, urbana e letrada, apta a consumir bens culturais mais sofisticados só veio a ocorrer após a implantação da República, a partir das mudanças promovidas ao longo dos primeiros governos, quando o setor burocrático do Estado e o setor do comércio se desenvolveram ao ponto de criar uma pequena elite, com direito aos níveis mais altos de educação. É nesse período que se formam em Recife ou no Rio de Janeiro, os primeiros bacharéis piauienses, que iriam agitar o movimento cultural, fazendo com que se formassem simultaneamente o sistema literário e a crítica literária.

Na esteira da clássica conceituação de Candido, a autora adota a terminologia *manifestações literárias* e *sistema literário* para classificar as obras de autores piauienses, a primeira para denominar a produção literária do século XIX, e a segunda para as obras publicadas por autores piauienses a partir do século XX. As manifestações literárias são fruto do gênio, do talento individual dos escritores, mas não mantêm entre si qualquer relação de continuidade, condição indispensável para a criação de uma tradição literária, no sentido que Candido confere a esse termo. Na realidade, somente a partir das primeiras décadas dos noventa, é que o Piauí começou a contar com um razoável número de autores reunidos, de forma consciente, em torno do projeto de construção de uma literatura piauiense. É exatamente a produção literária que surge, naquele momento, o objeto de investigação desse estudo, que almeja contribuir para a criação de uma história da literatura piauiense pelo viés da sua recepção e não pela via da produção, evitando repetir o modelo já desgastado das historiografias cronológicas.

Dessa forma, em busca da recepção, ou seja, dos leitores, a autora empreende a construção do seu *corpus* de análise, a partir do resgate de um considerável volume de textos publicados em periódicos que tratam da literatura produzida no estado ou mesmo produzida fora, por autores nascidos no Piauí. O contato com esse conjunto de textos possibilitou a percepção de que a literatura piauiense já reunia, desde o início do século XX, as condições para a formação de um sistema literário, porquanto se constatava a impressão das obras em tipografias da capital, Teresina – Livro-Papelaria Veras e Tipografia Paz – além da existência de um público de leitores,

9 CANDIDO, 1985.

disposto não apenas à leitura das obras, mas também ao exercício da crítica literária. A imprensa é, portanto, a grande testemunha do nascimento do sistema literário piauiense.

Entre os construtores desse sistema literário, a pesquisadora aponta vários nomes, abrangendo, pelo menos, duas gerações de literatos, que no início do século XX, assumiram a missão de criar, organizar e divulgar, tanto as obras como a crítica referente a essa produção literária. A título de exemplo, podem ser citados: Clodoaldo Freitas¹⁰, Higinio Cunha¹¹, Arimatéa Tito, João Pinheiro¹², Cristino Castelo Branco¹³, Antônio Chaves¹⁴, Felon Castelo Branco¹⁵, Corinto Andrade, Antônio Bona¹⁶, Matias Olímpio¹⁷, Alfredo Castro, Jônatas Batista¹⁸, Esmaraldo de Freitas¹⁹, Celso Pinheiro²⁰, Zito Batista²¹, Alcides Freitas²² e Lucídio Freitas²³ e ainda muitos outros.

A leitura cuidadosa e a organização do material coletado permitiu que a autora reconstituísse a recepção da crítica de obras produzidas no período de formação do sistema literário piauiense. Contudo, a dispersão de conteúdo dos textos só permitiu acompanhar a recepção crítica de um universo de dez livros, que abrange gêneros diversos, como poesia, romance e conto. São eles os seguintes: *Solar dos sonhos*²⁴, de João Pinheiro; *Almas irmãs*²⁵, de

10 Clodoaldo Freitas (1855-1924) bacharelou-se em Direito na Faculdade de Recife e desenvolveu intensa vida profissional, destacando-se como político, jornalista, literato e jurista. Autor de diversas obras como *Vultos piauienses: apontamentos biográficos* e *Em roda dos fatos*.

11 Higinio Cunha (1858-1943) foi jurista, magistrado, jornalista e professor. Autor de obras como *História das religiões no Piauí e Memórias autobiográficas*.

12 João Pinheiro (1877-1946) foi jornalista e professor. Algumas de suas obras são *À toa*, *Solar dos sonhos* e *Literatura Piauiense: esboço histórico*.

13 Cristino Castelo Branco (1892-1983) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, foi juiz no Maranhão e membro do Tribunal Regional Eleitoral. Autor de *Frases e notas* e *Escritos de vários assuntos*.

14 Antônio Chaves (1882-1938) foi poeta e jornalista. Um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Autor de *Almas irmãs* e *Nebulosas*.

15 Felon Castelo Branco (1874-1925) foi magistrado, jornalista e escritor, atuando no Piauí e no Maranhão.

16 Antônio Bona (1887-1965) bacharelou-se na Faculdade de Recife, foi promotor público e delegado. Membro da Academia Piauiense de Letras. Publicou *Razões de apelação*.

17 Matias Olímpio de Melo (1882-1967) graduou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Foi magistrado, jornalista, político e escritor. Dentre suas obras destacam-se *Ensaios, discursos e conferências*, *Rumos e atitudes* e *Pensamento e ação*. Membro da Academia Piauiense de Letras, que presidiu de 1924 a 1929.

18 Jônatas Batista (1885-1935) foi poeta, jornalista e teatrólogo, membro fundador da Academia Piauiense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 4, cujo patrono é seu avô David Moreira Caldas. Autor de *Jovita ou a heroína* (drama histórico), *Mariazinha* (opereta de costumes piauienses) e *Teresina de improviso*.

19 Esmaraldo de Freitas e Sousa (1887-1946) foi magistrado, sociólogo, professor, escritor, jornalista e político. Membro da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Escreveu *O Visconde da Parnaíba*.

20 Celso Pinheiro (1887-1950) foi poeta, jornalista e cronista. Membro fundador da Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira de n. 10, tendo Licurgo de Paiva como patrono. Algumas de suas obras publicadas são *Almas irmãs* e *Flor incógnita*.

21 Zito Batista (1887-1926) foi poeta e jornalista. Membro fundador da Academia Piauiense de Letras. Publicou *Poesias reunidas* e *Almas irmãs*.

22 Alcides Freitas (1890-1913) graduou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia. Patrono da cadeira n. 9 da Academia Piauiense de Letras. Publicou *Da lágrima*.

23 Lucídio Freitas (1824-1921) foi poeta, professor, jurista e jornalista. Colaborou nos jornais A Notícia, Diário do Piauí e O Piauí. Ocupou cadeira na Academia Piauiense de Letras, de que foi um dos fundadores. Dentre suas estão *Alexandrinos*, *Vida obscura* e *Minha terra*.

24 PINHEIRO, João. *Solar dos sonhos*. Rio de Janeiro: Casa Leuzinger, 1906.

25 CHAVES, Antônio; PINHEIRO, Celso; BATISTA, Zito. *Almas irmãs*. Teresina: [s.n.], 1907.

Antônio Chaves, Celso Pinheiro e Zito Batista, *Sincelos*²⁶, de Jônatas Batista; *Ode a Satã*²⁷, de Adalberto Peregrino; *Nebulosas*²⁸, de Antônio Chaves; *Um manicaca*²⁹, de Abdias Neves; *À toa: aspectos piauienses*³⁰ e *Fogo de palha*³¹, de João Pinheiro.

À época da pesquisa, com exceção de *Sincelos* e *Um manicaca*, os demais estavam fora de circulação, tendo apenas recentemente uma segunda edição, através do projeto editorial Centenário da Academia Piauiense de Letras³². Contudo *Almas irmãs* e *Ode a Satã* permanecem fora de catálogo, uma vez que ainda não foi possível a recuperação na íntegra dos seus originais.

O livro *Literatura Piauiense*, de Maria do Socorro Rios Magalhães, ao resgatar as fontes do nosso sistema literário, termina por realizar aquele desiderato do pesquisador, apontado por Robert Darnton, que é o de desenterrar um mundo submerso, neste caso, o universo literário piauiense, constituído de autores, obras e críticas, que, resgatados das páginas carcomidas de jornais e revistas precariamente conservados, passam a habitar novamente o círculo das letras piauienses.

26 BATISTA, Jônatas. *Sincelos*. Teresina: Libro-Papelaria Veras, 1906.

27 PEREGRINO, Adalberto. *Ode a Satã*. Teresina: Tip. da Farmácia dos Pobres, [1907].

28 CHAVES, Antônio. *Nebulosas*. Teresina: Tip. de O Piauí, 1916.

29 NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: [s.n.], 1909.

30 PINHEIRO, João. *À toa: aspectos piauienses*. Teresina: [s.n.], 1913.

31 PINHEIRO, João. *Fogo de palha*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1925.

32 Algumas das obras citadas pela autora que estavam fora de circulação no período da pesquisa foram reeditadas através da Coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras: CHAVES, Antônio. *Nebulosas*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2013. (Coleção Centenário 9); PINHEIRO, João. *Literatura piauiense: esforço histórico*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2014. (Coleção Centenário, 11); PINHEIRO, João. *À toa... aspectos piauienses*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2014. (Coleção Centenário, 24); PINHEIRO, João. *Solar dos sonhos e outros escritos*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015. (Coleção Centenário, 30).

Teresinha Queiroz

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Autora de *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo* (1994), *História, literatura, sociabilidades* (1998) e *Do singular ao plural* (2006).